O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 2011

Sábado, 20 de Setembro de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

PESCA CRIMINOSA

—o—

Tem o Govêrno adoptado sempre todos os processos para manter o equilíbrio económico, tão difícil de assegurar, sobretudo, neste excepcional e longo período de incerteza e desorganização que a guerra trouxe ao mundo.

A acompanhar essa orientação de evidente conveniência e necessidade promoveu,sempre, as possíveis condições e elementos de auxílio e ensinamento como procurou o total aproveitamento de quanto pudesse aumentar a produção e contribuir por diversos meios para criar e desenvolver novas fontes de economia.

Assim, pela Direcção dos Serviços Florestais e Agrícolas estabeleceu um modelar sistema de repovoamento dos rios de Portugal, que, por desleixo, falta de compreensão e condenáveis processos de pesca, vão ficando completamente desprovidos de peixe.

Criaram se estações agrícolas com tanques onde os peixes nascidos nos incubadores atingem o tamanho preciso para se lançarem nos rios.

Estes serviços modelarmente organizados em certos pontos teem contribuído para o repovoamento dos nossos rios, o que constitue importante valor e condição da nossa economia. Porém, quási todas as iniciativas e medidas desta natureza requerem para o seu bom exito e alcance da sua finalidade, uma compreensiva colaboração de todos e o conhecimento de que a riqueza nacional a todos aproveita desde que se integrem e percebam o pensamento superior e dominante que o orienta e frutifica.

E' desolador o que se lê na bem elaborada reportagem do *Diário Popular*, no que respeita à selvagem e criminosa barbaridade dos *pescadores fóra da lei*, que, com dinamite, venenos e outros condenáveis processos, veem contrariando uma obra de interesse comum e nacional. Este facto sucede com a pesca das trutas, que poderiam abundar nos nossos rios do norte do país, e constituir um importante elemento de alimentação, se não fôsse essa inqualificável selvajaria a opor-se a uma obra de todo o ponto louvavel e inteligente, em favor de todos e realizada com critério e com processos, que demandam estudo, competência e despeza.

Não é a pesca normal, que tem hoje numerosos amadores, que provoca a escassez do peixe, nem que influe no constante repovoamento dos rios, mas sim a pesca criminosa, que extermina e estraga, e que é, afinal, um atentado contra a economia nacional, e portanto, um crime que merece severa punição.

Claro está que tais *pescadores nocivos* estão fora da lei e quando apanhados em flagrante terão de sofrer a pena correspondente ao seu delito. E', porém, difícil, dada a extensão dos rios, ter guardas bastantes para evitar em absoluto infracções desta ordem. Necessário é, pois, que as várias populações compreendam a necessidade e a vantagem do repovoamento dos seus rios e os defendam desses selvagens criminosos, que por falta de escrúpulo ou de princípios de educação, impeçam com a sua malvadez ou ignorância uma obra digna e de interesse comum.

P. S.

Novo Presidente da Câmara

Tomou posse o recentemente nomeado para ocupar o lugar do sr. dr. Rocha Páris, em Viana do Castelo. E' o sr. dr. Joaquim Proença, que fez importantes afirmações deante de quantos assistiram à cerimónia e o escutaram com a devida atenção.

Esta passagem do seu discurso:

—Só, não poderei fazer nada. Todos juntos, faremos necessàriamente obra notável. Ai do governante que se isola dos governados. A tirania que queima ou o desinteresse que apaga serão o resultado fatal do seu egoísmo megalómano.

E sôbre os trabalhos a realizar sem os prometer:

—Duma coisa, no entanto, podeis desde já ficar certos: tudo o que depender do presidente da Câmara, para bem de Viana do Castelo e seu concelho, êle o fará sob pena de neste momento — a mim próprio o asseguro honestamente — reconhecer a minha incapacidade e a outro confiar o lugar que não soube exercer.

O sr. dr. Joaquim Proença é um homem inteligente e de íntegro carácter, pelo que as suas palavras, produzindo éco em tôda a parte, lhe assegurarão, decerto, a confiança dos munícipes, que esperam dele o que muitos não conseguem nem à custa das mais variadas acrobacias.

A caminho...

—o—

Parece que tudo se conjuga para, dentro em breve, se voltar à normalidade que se impõe na questão das subsistências. Bem sabemos que aos exploradores não convem isso e que essa fauna de todos os estratagemas há-de lançar mão para nos arrancar o dinheiro das algibeiras sem dó nem piedade. Mas o Govêrno está connosco, está com o consumidor, e o tempo, auxiliando-o, há-de também contribuir para nos beneficiar, dando-nos os principais produtos que a terra cria e dela são extraídos. Temos essa fé, temos essa esperança. E assim, tudo conjugado, devemos caminhar com mais segurança para o futuro. Será a nossa vez.

O TEMPO

Com a aproximação do Outono, que começa na terça-feira, 23, caíram já uns pingos grossos a anunciá-lo, tendo noutras partes chovido e trovejado a valer.

Resignadamente se espera o mais que virá, se tudo entrar nos eixos...

Praias de banhos

As Capitanias dos diversos portos afixaram em todas as praias um aviso segundo o qual esclareciam que a título experimental êste ano haviam sido dadas instruções menos rigorosas aos agentes de fiscalização nas praias, indicando-lhes, porém, que deveriam ser rigorosamente reprimidos todos os factos que constituíssem flagrante atentado aos bons princípios morais.

Em muitos pontos conseguiu-se o objectivo e foi possível manter o indispensável nível de decôro. Mas noutros certificou-se que umaimportante parte do público não soube corresponder aos intuitos da autoridade marítima, passando a apresentar-se em flagrante desrespeito da doutrina expressa no decreto que regulamenta esses princípios o que de forma alguma poderá ser permitido.

Por êsse motivo, foi determinado que a partir do dia 22 do corrente os agentes das autoridades marítimas passem a exigir o estrito cumprimento do estabelecido no edital referente à execução do decreto n.º 31.247.

Quer dizer: voltou o rigor às praias de banho por causa do *à vontade* dos seus frequentadores, que se julgavam no direito de ofenderem a moral pública com exibições impróprias de gente digna, decente e honesta.

Oxalá que os executores da lei não tenham contemplações, neste particular, seja com quem fôr.

Embora nos considerem atrazados...

IMPRENSA

Revista Luso-Belga

O número recebido agora abre com uma vista da grande Praça de Bruxelas, que é uma maravilha por nela ficar situado o edifício da Câmara Municipal e outros de igual valor arquitetónico mais ou menos a condizerem.

Faz-nos lembrar os dias do Verão de 1936 passados nesse pequeno país, comparado com a França,onde os nossos olhos se perderam a admirar todos os encantos de que é dotado e tanto nos prenderam a atenção. Vale-nos a grande quantidade de albuns e fotografias adquiridas para, de vez enquando, revivermos essa nunca esquecida viagem turística e o querido amigo que no-la proporcionou para nosso regalo espiritual.

Saias abaixo!

Consta que a moda vai obrigar, no próximo Inverno, as senhoras a usarem saias compridas e nós aplaudimos.

Até que enfim!

Vão desaparecer da circulação as linhas a que chamavam pernas ou gravêtos por se aproximarem muito, quer na grossura, quer no feitio irregular, com os ramos de pinheiro.

Salvo seja...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

As pontes

—o—

A Câmara Municipal, num dos seus comunicados à Imprensa, refere que o sr. Ministro das Obras Públicas prometeu mandar construir a ponte-praça, de harmonia com a maquete que esteve exposta ao público, em Junho último.

O Democrata já disse pela pena do seu talentoso e brilhante colaborador, por sinal, dr. Alberto Souto, qual a sua opinião. Tapar a água —um veio só que seja—da ria de Aveiro, é duma infelicidade a toda a prova. Porque é a água dos seus canais, do seu estuário, das suas marinhas de sal que lhe dá a graça que tem e a impõe aos visitantes como digna de apreço.

Querem, então, que desapareça o encanto do local para dar lugar a uma única ponte-praça?

Vejamos o que diz, a tal respeito, o *Jornal de Notícias* de segunda-feira, acompanhando-nos:

As pontes—as antigas pontes por onde passaram várias gerações de pessoas nascidas em Aveiro, vão desaparecer, não por apresentarem quaisquer sintomas de ruína, como a Câmara comunicou em seu devido tempo, mas por causa do inconcebível modernismo dos homens da época presente.

O mais apropriado para uma cidade cortada ao centro por um canal—*A Ria de Aveiro*—seria que se arranjasse dois ou três planos e entre eles se escolhesse aquele que melhor se adaptasse à *Veneza Portuguesa*.

Todavia, pretende-se impor um plano urbanístico ao local das pontes, quer sirva ou não a cidade e as suas antigas tradições.

Era isto que não se devia ter consentido.

Continuamos—marcando a nossa posição desde o início: a afirmar que em Aveiro, com um braço de ria, belo e aparatoso em qualquer parte, só se adaptam várias pontes sôbre o canal, embora algumas destinadas, apenas, a peões... Estas poderiam ser alinhadas de molde a que as belezas panorâmicas da cidade dos canais sobressaíssem com certo relêvo, encantando, assim, os turistas que nos teem visitado até hoje.

E não era nada de mais, digam o que disserem ou argumentem como entenderem.

Nem que venha Deus do céu serão capazes de nos convencer do contrário, alterando-nos ou embotando-nos o gosto.

Sôbre azeite

Do gabinete do Ministério da Economia, comunicam:

Devido a uma errada informação da Junta Nacional do Azeite, haverá em alguns distritos do país certas irregularidades e atrasos na distribuição dêsse óleo vegetal durante o mês de Outubro.

O Ministério da Economia procurará compensar os consumidores com uma maior quantidade de óleo de amendoim. Em consequência do facto, vão ser exonerados o presidente da Junta Nacional do Azeite, a direcção do Grémio dos Armazenistas de Azeite, e o delegado do Govêrno junto do mesmo organismo.

Coisas nossas

Está para todos os efeitos explicado o caso da saliência dos tijolos sôbre o passeio em frente ao edifício do Banco Regional do lado da Praça Luís Cipriano a que aludimos no penultimo número do *Democrata*.

Aquilo foi construído, ali, há muitos meses, para se montar uma cabine telefónica, mas, ao que parece, privativa de um *chauffeur* — um só — e não de todos quantos fazem praça e lá teem a sua em comum. Ora, sem de maneira alguma pretendermos entravar o progresso da cidade e as regalias dos seus habitantes, um reparo nos merece o que, sem consentimento do Banco, primeiro, e com o agravante de impedir o trânsito pelo passeio destinado a peões, se consentiu, dando origem a que amanhã os restantes alugadores de automóveis requeiram o mesmo e encham o largo de cabines, visto a lei ser igual para todos.

Como se entende isto?

Que favoritismo é êste?

Então ocupam-se dois guardas da P. S. P. para fazer seguir pelos passeios da ponte dos Arcos os transeuntes que teem de a atravessar e precisamente no pequeno largo onde estacionam muitos automóveis de aluguer, deixa-se, consente-se a construção duma cabine particular sôbre o passeio?

Não. Não é admissivel nem rasoável que num tão curto espaço haja duas cabines para o mesmo fim.

Tôda a gente repara e quanto a nós também não achamos justo.

TRABALHOS AGRÍCOLAS

Os lavradores do concelho de Aveiro não têm mãos a medir. De manhã à noite andam numa roda viva porque se juntou tudo: o S. Miguel com as vindimas, não os deixando pôr pé em ramo verde...

Graças à Providência o ano é abundante, pelo que o negócio negro deve estar a dar as últimas.

Visitai o Parque da Cidade

Dr. José Crespo

A novela *Contrabandistas*, da autoria do médico e ilustre escritor beirão dr. José Crespo, premiada palo «Grupo de Coordenação Cultural» no V Concurso Literário Ribatejano de 1947, que marcou pelo número e qualidade das produções apresentadas, faz parte dum livro de contos e novelas a sair brevemente dos prelos. Está destinado, pelos vistos, a despertar enorme interesse não só entre os beirões, enamorados da sua terra e dos extraordinários recursos naturais e espirituais que ela encerra, mas em todos os meios intelectuais do país.

A acção do livro decorre na Serra da Estrela e regiões circunvizinhas. Pelas suas páginas perpassa tôda a intensa, variada e dramática vida serrana, onde a alma do homem, por entre a aparente serenidade duma existência austera e difícil, se consome, por vezes, em dramas e conflitos tremendos, susceptíveis de degenerarem em tragédia, à semelhança do que se passa também com a poesia e o bucolismo da sua natureza exuberante e instável, que se transforma em tempestades de neve e vendavais destruidores. E' a emocionate e magestosa beleza da montanha, com os encantos da sua vida pastoril e campestre ou a severidade da luta dos seus habitantes com as inclemências da natureza, as suas paixões, os seus conflitos, os seus sacrifícios, os seus nevões, lobos, cães, pastores, lenhadores, contrabandistas, carvoeiros, etc. Tudo isto vive e palpita intensamente nestas novelas, onde a imaginação não consegue sobrepujar a realidade do ambiente e das figuras.

O Rossio

Quem te viu e quem te vê!

No Rossio houve, antigamente, uma praça de touros, de pedra e cal, a um dos lados. As touradas eram, então, o divertimento predilecto dos aveirenses, que a elas acorriam em massa nos dias de festa brava, mas principalmente quando o cartaz anunciava artistas de nomeada. Vinha gente de todas as bandas e de fóra não faltavam os aficionados com o seu entusiasmo para as animar.

Que tardes! Que tardes!

O Rossio, vasto como é, como foi sempre, transformava-se por completo nesses dias, devido ao movimento. Era vê-lo depois do espectaculo terminar — à saída. Não há palavras que possam descrever o aspecto nessa altura do evacuamento da praça. Que grandiosidade!

A capelinha de S. João, quási ao fundo, ali, a destacar-se, e porque, em volta, a porcaria se aglomerasse, afugentando a concorrência, foi mandada demolir visto nada recomendar a sua conservação em tão aprazível local. A cidade exultou, os habitantes da outra margem da ria regosijaram, dadas as razões particulares que tinham para isso, e ficou, desde então, o recinto só destinado à Feira de Março. E era assim que devia ser, que devia continuar e não como está, como se apresenta a dar uma triste ideia do critério da evolução dos tempos.

Não sabemos se é à Câmara que compete olhar pelo asseio e limpeza do Rossio. Antigamente era e não poucas vezes nos dirigimos a essa entidade para que o desafrontasse de modo a que todos pudessemos gosar, durante o estio, as delícias da fresquidão do Oceano—as brizas do mar — e a gente de fóra—os excursionistas—o belíssimo e atraente panorama da nossa ria, com o movimento das suas embarcações, a alvura dos montes de sal e tudo o mais que lhe anda adstrito desde remotas eras. Por tudo, pois, que aí fica, o Rossio merece que não o desprezem até ao ponto de fazer dele um chavascal, uma coisa ignóbil. Porque tem valor intrínseco e foi sempre, em todos os tempos, um local digno de apreço.

Eis a nossa opinião.

Lanchas de passagem

—o—

Foram inauguradas a semana passada as das carreiras entre a Gafanha e Costa Nova, que fazem o trajecto da travessia da ria em poucos minutos. Não são a última palavra, mas já servem e prestam um excelente serviço pela rapidez e comodidade que oferecem.

Ilhavo, a Gafanha e a praia, tão nossa predilecta, exultam com justificada razão. E nós acompanhamos esse entusiasmo porque se trata de um melhoramento importante que se inicia sob os melhores auspícios e com uma projecção de largo alcance, no futuro.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Concerto Musical

—o—

Tocou fez ontem oito dias, à noite, no antigo Passeio Público, que, para esse efeito, possue um coreto à altura, a Banda da C. S. Guilherme Gomes Fernandes, que ali atraiu bastante gente, a-pesar-da ausência de muitas famílias. Recordou-nos esse concerto os festivais de outrora e outros concertos por bandas de categoria, que arrastavam multidões e interessaram sobremaneira os aveirenses fazendo-os vibrar de entusiasmo. Mas isso era noutros tempos, quando havia *nordestes* e os gostos não andavam tão dessorados como agora.

O arroz

Por se prever uma boa colheita e ainda porque devem vir de fora grandes quantidades, foram já abolidas as guias de trânsito para a sua circulação assim como da respectiva farinha.

Não somos chineses, mas rejubilamos com a fartura.

A MATA DA GAFANHA VAI SER COLONIZADA

Resolveu o Govêrno aproveitar terrenos baldios ou semeados de pinheiros e pràticamente incultos e dá-los a famílias pobres. Por êste processo aproveitam-se as terras, criando riqueza e debela-se a pobreza, arrancando-a à miséria. A junta de Colonização Interna é quem procede à adaptação de hectares e hectares de areias a terrenos aráveis, organizando colónias agrícolas.

Já falámos da Aldeia de Martim de Rei que nasceu do descampado de Pelados, perto do Sabugal, e da Herdade de Rovisco Pais, em Pegões, que fôram colonizadas pelo sistema de casais agrícolas, estabelecidos em antigos baldios cujo aproveitamento económico se está a fazer com base em estudos científicos prèviamente elaborados. E' que não se atiram para ali os colonos ao acaso. Quando lá postos, já com as casas feitas, terrenos preparados, sistemas de irrigação arranjados, sabe-se com precisão como é o terreno, o que dá e quanto dará. Estes estudos permitem calcular a amortização do capital, o lucro do colono, determinar a população pecuária e o seu rendimento, orientar a assistência tecnica e regular a densidade de povoamento.

Cabe agora a vez à Mata Nacional da Gafanha, a norte da estrada que conduz à Costa Nova. A mata só dava uns gravetos de lenha e lebres, e vai agora produzir bom milho, bom feijão e abundante batata. Já foi desbastada e vão principiar os trabalhos para a instalação dos colonos. Ao norte da mata ficará uma grande, moderna e airosa povoação, com sua capela e escola, terras férteis e boas hortas onde fôram antigos areais depois semeados de magros pinheiros. E ao fim de 30 anos—10 para amortização de um empréstimo inicial e 20 para amortização do valor do casal—o colono é proprietário pleno, o que assegura a vida e a estabilidade da família.

E' assim que o Estado Corporativo combate a pobreza, liga amorosamente o homem à terra, entrava a emigração de desespero, dignifica a família e enriquece a nação.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Atenção para a 4.ª página

Secção Desportiva

Natação
Meia Milha de Aveiro

Organisada pelo *Sport Club Beira-Mar*, efectua-se àmanhã esta prova, no Canal Central, sendo disputadas seis taças.

Está marcado para as 11 horas.

Futebol
Beira-Mar—Oliveirense

No Estádio Mário Duarte realisa-se, também àmanhã, o primeiro encontro entre estes dois grupos, para disputa da *Taça José Meireles.*

O aparecimento do nome do antigo presidente do *Sport Club Beira-Mar* no referido trofeu, deve ser motivo de satisfação para quantos admiraram o seu esfôrço em prol do desporto.

Nada mais justo.

Festivais

Vão realisar-se mais alguns, no Parque e no Rossio, devendo o último, anunciado para segunda-feira, ser preenchido com elementos do teatro ligeiro, de cujo elenco faz parte o popular actor Manuel dos Santos Carvalho.

A caça

Aproxima-se a data da sua abertura geral, que foi definitivamente fixada para o dia 1 de Outubro.

Até lá limpam-se as espingardas e carregam-se os cartuchos.

Festa íntima

Alguns amigos de Luís dos Santos Vaz reuniram-se, segunda-feira à noite, em sua volta, para comemorar as suas *bodas de oiro* ao serviço da Companhia Aveirense de Moagens tendo-o saudado efusivamente e enaltecido os predicados que reúne.

Entre os que o homenagearam destacou-se João Evangelista de Campos, que veio da Barra, propositadamente, para êsse fim.

Da Terra Nova

Entraram esta semana a barra, vindos da pesca do bacalhau, os primeiros lugres da nossa frota, com carregamento completo. Foram os *D. Diniz* e o *Oliveirense*, que tiveram muita gente a saudá-los.

Carnes verdes

Está a vigorar na cidade a seguinte tabela de preços para venda ao público:

Vaca—Lombo limpo, 23$00; carne de 1.ª sem osso, 20$00; com osso, 15$60; carne de 2.ª sem osso, 15$60; com osso, 12$20; carne de 3.ª sem osso, 11$20; com osso, 8$80; língua limpa, 20$00; rim limpo, 18$00; rilada e gorduras, 9$60; ossos, 2$00.

Vitela—Carne de 1.ª limpa, 21$00; costeletas, 16$80; perna com osso, 16$20; carne de 2.ª com osso, 11$60; rim limpo, 18$00, rilada e gorduras, 9$60; ossos, 2$00.

Para que conste.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Violetina de Oliveira Orfão, gentil filha do sr. Mapril Guerra Orfão, e o menino Carlos Alberto Dias, filho do sr. João Jerónimo Dias; no dia 23, o sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis); em 24, as sr.as D. Maria Luísa Saldanha Rodrigues dos Santos e D. Leopoldina P. Valente de Melo, professora oficial, esposas, respectivamete, dos sr.s José Rodrigues dos Santos, 1.º tenente da Armada, e José Soares de Melo Júnior, funcionário da Secção de Finanças, e o sr. Custódio Marques Pitarma, importante industrial de panificação em Sacavém; em 25, a distinta professora sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, esposa do sr. Henrique Ramos, da Foto-Central, e os srs. Marino de Sousa Moreira e Alberto Gomes, sócio gerente da Scalábis, e em 26, a sr.ª D. Maria Helena Lebre Cunelas, dilecta filha do sr. dr. Roberto Canelas, de Cantanhede, e o professor Lutário Casimiro da Silva, residente em Coimbra.

Gente nova

Deu à luz um menino a esposa do sr. Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria.

Mãe e filho encontram-se bem.

Partidas e Chegadas

Hóspede do director deste jornal, de quem é velho amigo, encontra-se, de novo, em Aveiro o sr. dr. Joaquim de Azevedo e Castro, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

—Com curta demora também aqui esteve esta semana outro amigo dedicado, Vasco Soares, comissário de bordo ao serviço da Companhia Nacioanal de Navegação, residente em Cascais, tendo nós muito prazer em o abraçar por há muitos anos não nos vermos.

Acompanhavam-no sua esposa e gentil filha.

—Também recebemos a visita do sr. J. Gaspar da Cunha, que nesta cidade esteve como funcionário público, aqui casou e actualmente habita na província de Angola, vindo agora cá sem demora.

Agradecemos os cumprimentos.

—Regressou do Pará (E. U. do Brasil) com a esposa à sua casa do próximo lugar de S. Bernardo, o sr. João Ferreira Júnior.

—Chegou de Lagos (Algarve) tencionando aqui passar alguns dias o sr. capitão Lourenço Duarte, ali residente.

—Com sua esposa e filho encontra-se em Londres onde êste fica a tirar o curso de engenharia, o nosso conterrâneo sr. Carlos Aleluia, da importante fábrica de que é um dos gerentes.

—Partiu para Samel (Anadia) onde se demorará algum tempo, a sr.ª D. Fernanda do Vale Pires, viuva do saudoso reitor do Liceu, dr. João Joaquim Pires.

—Tendo sido colocado em Tomar, deixou ontem esta cidade, onde residiu alguns anos e criou amisades, o sr. alferes Artur Calisto, que estamos certos a não esquecerá.

Praias e termas

Partiram: do Porto para Caldelas o sr. Joaquim da Páula Graça, empregado na filial do Banco Pinto & Sotto Mayor: de Lisboa para a Barra os srs. Braulio e Mário Santos Costa Pereira; de Oliveira de Azemeis para o Gerez, o sr. Anibal Rezende e de S. Martinho da Gandara para o Furadouro o professor sr. José Lopes Godinho e família.

—Regressaram: da Costa Nova, o sr. Francisco Pereira Campos; da Figueira da Foz, o sr. tenente-coronel Manuel Augusto de Melo Cabral e das Termas de S. Pedro do Sul o sr. José N. Ferreira Ramos e famílias.

Correspondências

Esgueira, 17

A' nossa terra estão a chegar muitos patrícios, espalhados pelo país e que veem assistir às festas da Senhora do Rosário, que se vão realizar com grande brilhantismo, conforme já aqui dissemos.

Esgueira vai viver horas de alegria e de intensa satisfação, reunindo muitas famílias, que há tempo não confraternizavam.

—O hábito de se fazerem despejos para a via pública e com a agravante de ser no centro da povoação e dum 1.º andar, leva-nos a pedir providências a quem de direito.

—Abre no sábado um talho para venda de carnes verdes, que ficará instalado no Largo do Cruzeiro.

Há muito que se impunha um estabelecimento desta natureza.

—Os gatunos continuam desenfreados, aproveitando para operarem as trevas da noite, visto a iluminação se apagar às 2 horas.

De novo aqui se pedem providências.

—Retirou para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Anselmo Taborda, juíz de Direito.

C.

VOLTA DE OURO

Perdeu-se, com uma chupeta, junto ao Dispensário. Nesta Redacção se indica a quem pertence.

Livros

O Regresso de Lassie

Ao findar a leitura do *Regresso de Lassie*, que acaba de enriquecer as montras das livrarias do país, não nos admira absolutamente nada que se tivessem esgotado oito edições nos Estados Unidos, no curto período de dois anos. E se não fôra porque milhares de livros, alguns bem valiosos, saiem anualmente dos prelos norte-americanos, ficávamos surprezos por terem sido precisos dois anos para esgotar as dezenas de milhar de exemplares do *Regresso de Lassie*. E, porque raramente chega às nossas mãos um livro com a beleza e com a originalidade deste.

De facto Eric Knight não escreveu um livro vulgar. Sem pretender apoucar — o que seria estúlticia imperdoável — o talento do escritor inglês, a verdade é que quási somos levados a admitir que o livro lhe saiu assim sem querer — superior à própria concepção do escritor, transcendendo na sua beleza e na sua humanidade à visão inicial. Eric Knight, ao traçar a última página do seu livro, tinha concluído, com a serenidade dos arquitetos medievais, ao rematarem a torre afuzelada da sua catedral, um dos poemas mais enternecedores dos tempos modernos. Enternecedor pela simplicidade que o escritor usou, enternecedor pela contestura, enternecedor pela moral, enternecedor pelas figuras que Eric Knight arrancou às desoladas e pétreas paisagens do Yorkshire.

Livro escrito para a juventude, tendo por figura central Lassie, uma cadela, ele comove, distrai e faz meditar homens e mulheres de qualquer idade ou condição. Posto em filme, comoveu as plateias dos quatro cantos do mundo. Agora, traduzido para a nossa língua por Octávio Bernardes, vai certamente obter o êxito reservado às obras que pela sua beleza e pela sua profunda humanidade, ficam como marcos miliares a assinalar o caminho da bondade humana.

A edição é da «Editorial Minerva» que, mais uma vez, com este livro maravilhoso, enriquece o património da literatura da língua portuguesa.

NECROLOGIA

Padre Moisés Nora

Lêmos algures a notícia de que faleceu no dia 26 de Agosto em Mogy-mirim (E. U. do Brasil) este sacerdote, que foi perfeito no antigo Colégio Aveirense, e publicou, então, um livro intitulado *A Mocidade e o Destino*.

O padre Moisés da Costa Silva Nora — como ainda nos recordamos do nome completo! — escrevia nos jornais, principalmente no semanário *Os Sucessos*, era natural de Cantanhede, e quando pensou em dar à luz o volume de que falamos, houve um grupo de jovens estudantes endiabrados — dos de marca — que lhe bifaram algumas laudas da prova, deixando-o à divina, quási desorientado, apoplético, quando deu pela falta. Porém, recapitulou, o livro saíu, mas a *Mocidade* é que alterou o *Destino* que levava... ficando, por isso, áquem do sonho do autor.

Moisés Nora deve ter morrido com oitenta e tantos anos, pois foi novo para o Brasil e por lá ficou, pelo visto, sem nunca mais termos ouvido falar dele.

Quantos o recordarão ainda?

* * *

Num sanatório de Coimbra, onde se encontrava em tratamento, finou-se há dias, a sr.ª D. Ermelinda Osório de Pina Leitão Duarte, muito conhecida nesta cidade onde residiu com seus estremosos pais, o tenente de cavalaria sr. José Pinto Duarte, sua esposa sr.ª D. Maria Osório de Pina Leitão Duarte e restante família, actualmente na capital.

A extinta era também irmã das sr.as D. Maria Luísa, D. Adelaide e D. Maria Clementina Leitão Duarte e dos sr.s João e Tito Leitão Duarte e sobrinha do sr. Aurélio Duarte, 1.º sargento de Cavalaria 5.

Aos doridos, as nossas condolências.